



# REVISTA INTERDISCIPLINAR DE PROMOÇÃO DA SAÚDE

## INTERDISCIPLINARY JOURNAL OF HEALTH PROMOTION

Volume 3 - Número 3 - Julho/Setembro 2020

<https://doi.org/10.17058/rips.v3i3.16331>

ARTIGO ORIGINAL

### Percepções de enfermeiros acerca da população LGBT+ e os seus entrelaces com a Atenção Primária à Saúde

#### *Nurses' perceptions about the LGBT+ population and its links with Primary Health Care*

Bruna Rezende Martins<sup>1</sup>, Caroline Bertelli<sup>1</sup>, Suzane Beatriz Frantz Krug<sup>1</sup>, Cézane Priscila Reuter<sup>1</sup>, Rebecca Carabez<sup>2</sup>, Vera Elenei da Costa Somavilla<sup>1</sup>, Analidia Rodolpho Petry<sup>1</sup>

1 - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

2 - Universidade de São Francisco – USF, São Francisco, CA, Estados Unidos da América do Norte.

---

#### RESUMO

---

brezendem97@gmail.com

**Objetivo:** este estudo busca investigar as demandas de saúde da população Lésbica, Gay, Bissexual e Trans (LGBT+), a partir das percepções de enfermeiros atuantes na Atenção Primária em Saúde. **Método:** estudo qualitativo, de cunho descritivo, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com 31 enfermeiros atuantes na Atenção Primária à Saúde, de um município da região central do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Resultados:** para os enfermeiros, os problemas de saúde mais enfrentados pelo público LGBT+ estaria vinculado à saúde mental, violência ou ainda, às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Foi possível ainda, destacar a perpetuação de discursos cis-heteronormativos e que fortalecem o estigma de anormalidade associado a este público, já que para alguns profissionais a procura pela APS ocorreria por questões pontuais, como por exemplo, realização de testes rápidos. **Conclusão:** os achados deste estudo reiteram a necessidade de discussões nos meios acadêmicos e nos serviços de saúde, a fim de efetuar mudanças que possam melhorar a qualidade de vida desta população.

**Palavras-chave:** *Atenção Primária à Saúde; Enfermagem; Enfermagem de Atenção Primária; Minorias Sexuais e de Gênero.*

#### ABSTRACT

**Objective:** this study seeks to investigate the health demands of the lesbian, gay, bisexual and transgender (LGBT+) population, based on the perceptions of nurses working in primary health care (PHC). **Method:** qualitative, descriptive study, conducted through semi-structured interviews with 31 PHC nurses from a city in the central region of the state of Rio Grande do Sul, Brazil. **Results:** for nurses, the health problems most frequently faced by the LGBT+ public would be related to mental health, violence or even to sexually transmitted infections (STI). It was also possible to highlight the perpetuation of cis-heteronormative

**Keywords:** *Primary Health Care; Nursing; Primary Health Nurse; Sexual and Gender Minorities.* speeches that strengthen the stigma of abnormality associated with this public, since for some professionals the search for PHC would occur due to specific issues, for instance, carrying out rapid tests. **Conclusion:** the findings of this study reiterate the need for discussions in academic circles and in health services, in order to implement changes that can improve the quality of life of this population.



## INTRODUÇÃO

De maneira predominante, o ser humano é compreendido através de suas singularidades, por meio das suas expressões, crenças, histórias, culturas e relacionamentos. Na sociedade, as relações heterossexuais são vistas como predominantes e reguladoras, desta forma, ao fugir desse padrão o indivíduo insere-se automaticamente no segmento da população de lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans (LGBT+).<sup>1-3</sup> Ao entender a heteronormatividade como discurso que regulamenta e normatiza as relações interpessoais, é preciso discutir de que forma os atendimentos em saúde para com o público LGBT+ são realizados na Atenção Primária à Saúde (APS).<sup>4</sup>

Considerada a porta de entrada para os usuários no Sistema Único de Saúde (SUS), a APS deve realizar acolhimentos, cuidados em saúde e os acompanhamentos dos usuários e, de acordo com a identificação das demandas, realizar o encaminhamento da população aos serviços especializados.<sup>3,5,6</sup> Contudo, observa-se que no campo da saúde coletiva, ocorrem diversos empecilhos quanto aos atendimentos em saúde das minorias populacionais, como no caso da população LGBT+. Atualmente, a situação experimentada por este público denota a necessidade de um trabalho mais ético em saúde, onde o profissional haja com comprometimento, responsabilidade e respeito, afim de suprimir o preconceito, discriminação e as situações de violência.<sup>7</sup>

Conforme discutido anteriormente, salienta-se ainda a importância dos atendimentos da APS seguirem os preceitos das políticas públicas vigentes, a exemplo da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) que fomenta valores como o respeito às diversidades, justiça e inclusão social. Bem como, a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais que têm como escopo instrumentalizar os profissionais acerca das questões de saúde dessa população, ao salientar que os processos de discriminação, intolerância e de exclusão podem ser geradores de limitações e sofrimentos, ao mesmo tempo em que oferta estratégias para superar esses empecilhos, promover a equidade e fortalecer o acesso desta população aos cuidados de saúde.<sup>8</sup>

O investimento em capacitações aos profissionais de saúde também serve como base e se faz necessário, no sentido de possibilitar que

os mesmos estejam preparados para agir de forma humanizada e sensível ao atender às demandas e às especificidades de cada território e da população que ali reside.<sup>9,10</sup> Reitera-se ainda, que há uma escassez nas literaturas no campo da enfermagem quanto aos cuidados com os indivíduos LGBT+. E que a reduzida carga horária disponibilizada pelas universidades para a composição dos saberes desses profissionais quanto à comunidade LGBT+, também representa um empecilho na melhora dos atendimentos em saúde e, por vezes, da qualidade de vida desse público.<sup>11,12,13</sup> Ademais, tão importante quanto incorporar esta temática nos cursos de graduação, um passo fundamental está na sensibilização e na qualificação dos profissionais atuantes, prioritariamente na APS, através de capacitações e da educação permanente e continuada em saúde.<sup>14-16</sup>

O presente estudo emerge da necessidade de novas discussões que problematizam e busquem aprofundar os entendimentos e compreensões acerca das percepções que os enfermeiros da atenção primária possuem sobre os problemas de saúde dos indivíduos lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT+). Sendo assim, o objetivo desta pesquisa busca investigar as demandas de saúde da população LGBT+, a partir das percepções de enfermeiros atuantes na APS.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, de cunho descritivo realizado com enfermeiros atuantes na APS, de um município da região central do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A coleta de dados aconteceu no período de dezembro de 2018 a março de 2019, utilizando como instrumento uma entrevista semi-estruturada, que contém 13 perguntas relacionadas a percepções dos profissionais quanto ao público LGBT+, com perguntas direcionadas ao conhecimento das demandas deste público, bem como, a experiências dos mesmo durante os atendimentos em saúde. As entrevistas foram individuais, realizadas nas unidades de saúde, com duração média de 50 minutos e que posteriormente, foram gravadas e transcritas.

Participaram desta pesquisa, 31 enfermeiros que atuam nas Estratégias Saúde da Família (ESF) e Unidades Básicas de Saúde (UBS) de um município do interior do Rio Grande do Sul, Brasil. A localidade em questão possui aproximadamente 125.000 habitantes, possui 31 unidades de saúde, sendo que 25 delas ficam

em área urbana e as outras seis em zona rural.

A presente pesquisa foi condicionada mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram realizadas nas unidades de saúde, mediante agendamento prévio com os profissionais de enfermagem e em sala reservada, a fim de evitar interrupções. Para evitar a identificação dos participantes, foi utilizada a sigla “E”, de enfermeiro, seguida do número de realização das entrevistas. Este estudo seguiu os preceitos éticos da lei nº 466/2012, sendo aprovado pelo comitê de ética da Universidade de Santa Cruz do Sul, sob parecer 3.078.333 e CAAE: 04073018.6.0000.5343.

Quanto à análise dos dados, a mesma foi realizada através do método Análise de Conteúdo proposto por Minayo<sup>17</sup> e foi estruturada a partir do eixo temático intitulado: “Percebendo os problemas de saúde da população LGBT+ e a procura pelos serviços da Atenção Primária”. Para discutir a respeito do assunto, foram construídas três categorias temáticas, sendo elas: “Percebendo o público LGBT+: problemas de saúde dessa população”; “Motivos que levam a população LGBT+ a procurar os serviços de Atenção Primária” e “Motivos que levam a população LGBT+ a não procurar os serviços de Atenção Primária”.

## RESULTADOS

Quanto aos enfermeiros que participaram desta pesquisa, 84% eram do sexo feminino, com idade média de 37,6 anos. Além do mais, 59% relatou trabalhar há mais de cinco anos na APS. Conforme pode ser visualizado no Quadro I, os participantes apresentaram seus entendimentos acerca da questão: “Percebendo o público LGBT+: problemas de saúde dessa população?”. Frente a isto, para alguns participantes, os problemas mais enfrentados estariam vinculados à saúde mental, para outros, seriam as violências ou ainda, que estariam associadas às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Foi possível verificar a perpetuação de discursos baseados em preceitos cis-heteronormativos e que podem influenciar na maneira como a homossexualidade e a transexualidade são visualizadas. Alguns excertos fomentam o estigma de anormalidade que é associado a essa população. Durante a análise dos dados verificou-se que, os participantes acreditam que há uma maior incidência de casos de IST's no público LGBT+, quando comparados aos heterossexuais.

**Quadro 1** – Percebendo o público LGBT+: problemas de saúde dessa população

Categorias	Trechos das Entrevistas
Infecções Sexualmente Transmissíveis	<p>“Problemas mais frequentes enfrentados? De saúde? As doenças sexualmente transmissíveis, essa pra mim é uma das mais gritantes, né?!” (E4).</p> <p>“Eu acho que são as doenças sexualmente transmissíveis, né?! Que muitos são... Eles são grupo de risco, né?! Porque, às vezes, eles trabalham realizando programa, né?!” (E5).</p> <p>“Ainda tem algumas coisas de DST's, mais pro público masculino, né?!” (E10).</p> <p>“Principalmente, das doenças sexualmente transmissíveis. Eu acredito que ainda é um público que deveria ter mais formas da gente ampliar a prevenção, principalmente, desses cuidados de doenças sexualmente transmissíveis.” (E15).</p> <p>“Porque, né?! Como não usa a via natural sexual tem uma maior possibilidade de adquirir doenças.” (E26).</p>
Saúde Mental	<p>“Eu acho que... Acho que mais na área da saúde mental, assim, de sofrimento causado pela nossa cultura assim, tão preconceituosa, de não inclusão, de não aceitação.” (E8)</p> <p>“Hoje o que a gente vê é a parte psicológica, depressão, síndrome do pânico... Mas acho que mais psicológico do que clínico, hoje.” (E10).</p> <p>“Transtornos psiquiátricos, em função de depressão, por a família não aceitar, às vezes, eles mesmos, no começo até conseguir se aceitar.” (E11)</p>
Violências	<p>“Discriminação com certeza! Que mais? Violência sexual!” De violência... até familiar! Assim... ou na escola ou ambientes sociais assim. (E2).</p> <p>“Eu acho que a violência contra eles, que acontece bastante.” (E21)</p>

Os depoimentos elucidam, ainda, questões vinculadas à saúde mental, fator que também seria um problema de saúde enfrentado pela população LGBT+. As questões relacionadas e que debilitaram a saúde mental deste público seriam causadas por experiências discriminatórias e de não aceitação que enfrentam no seu cotidiano, seja pela família, perante a sociedade ou pelos próprios profissionais de saúde. As violências, de cunho sexual e familiar, também foram consideradas como problemas de saúde para este público, pelos enfermeiros participantes.

O Quadro II apresenta os motivos que levam o público LGBT+ a procurar os serviços de saúde,

segundo a percepção dos enfermeiros, bem como, revela os motivos pelos quais os mesmos se afastam da APS. Desta forma, evidenciou-se que para alguns participantes a procura pelas unidades de saúde ocorreria por questões pontuais, como realização de testes rápidos, procedimentos ou consultas médicas. Complementarmente, os participantes pontuaram que a baixa assiduidade dessa população aos serviços, principalmente à APS, pode estar ocorrendo devido ao medo de sofrerem preconceito ou pela limitada qualificação dos profissionais para o atendimento das demandas da população LGBT+.

**Quadro 2** – Motivos que levam a população LGBT+ a procurar os serviços de APS e razões que motivam ao afastamento deste público dos serviços de saúde.

Categorias	Trechos das entrevistas
<p>Motivos que levam o público LGBT+ a procurar os serviços de saúde</p>	<p><i>“É muito difícil assim, ver eles vindo no dia-a-dia pra consulta clínica, geralmente, a gente tem que fazer busca ativa, alguma coisa pra conseguir trazer eles.” (E10)</i></p> <p><i>“Esses pacientes já vêm com uma consulta marcada, eles não vêm para encaixe, eles não vêm com uma queixa de pronto-atendimento na unidade de saúde.” (E17).</i></p> <p><i>“Porque geralmente eles procuram quando eles têm algum sintoma, né?! “Aí, eu tô”, “aí eu acho que tô com alguma doença”, daí eles demonstram os sintomas clínicos, né?!” (E20).</i></p> <p><i>“Normalmente eles chegam pra fazer teste rápido, seria assim, a porta de entrada que eles têm pra conversar com a gente”. (E28).</i></p>
<p>Motivos que levam ao afastamento</p>	<p><i>“Eu acho que é preciso romper mais essa barreira da discriminação e porque não atender eles? Eu acho que assim, as pessoas acabam não vindo até os postos de saúde até pelo medo”. (E19).</i></p> <p><i>“Eu acho que na Atenção Básica como não é tão comum, sabe?! Assim... de receber esse público, né?! Às vezes a gente fica meio que de mãos atadas, mas como a gente tem o serviço de apoio na rede, geralmente, se tira essas dúvidas com a rede, né?!” (E20).</i></p> <p><i>“Os profissionais da atenção básica, assim, em geral estão bem poucos preparados, sabe?! Pra atender essa população em diversidade, sabe?! Então... Não só a população LGBT+, mas... é difícil pra Atenção Básica, enquanto unidade de entrada assim, atender pacientes psiquiátrico, né?!” (E23).</i></p> <p><i>“Não tem como negar, existe discriminação, então, infelizmente, eu acho que esses usuários acabam não vindo até a gente.” (E28).</i></p>

## DISCUSSÃO

As percepções dos participantes em relação a sexualidade da população LGBT+ são condizentes com discursos baseados na concepção do binarismo de gênero e cis-heteronormativos, considerando como item da normalidade a interação sexual entre os sexos biológicos, o que influencia diretamente no atendimento dos profissionais.<sup>10,18</sup> Desta forma, infere-se que o afastamento desse público das

unidades de assistência pode ser reflexo de obstáculos como a discriminação, constrangimento, preconceito e estigma vivenciados por eles.<sup>14</sup>

Os entendimentos visualizados durante esta pesquisa não condizem com os princípios do SUS, em especial da APS que tem como escopo a promoção da saúde através do reconhecimento dos determinantes e condicionantes de saúde, que oportunizam atendimentos de cunho integral com o intuito de reduzir as desigualdades em saúde.<sup>13,14</sup>



De forma complementar, ao se abordar especificamente o princípio da equidade, que considera as particularidades de grupos sociais distintos, com demandas e necessidades de saúde diferenciadas, espera-se igualmente que as ações de saúde sejam diferenciadas. Afinal, se existem grupos que historicamente possuem dificuldades de acesso aos serviços de saúde, há que se viabilizar e otimizar este caminho.<sup>4</sup>

Além de concepções que visualizaram o público LGBT+ como portadores de uma patologia, os participantes apontaram ainda, que as demandas dessa população estariam vinculadas às IST, conforme achados semelhantes apontados por outras pesquisas.<sup>1,18,19</sup> Ao apontarem as IST como histórico recorrente de atendimento na atenção primária, os profissionais contribuem para a discriminação institucional e reforçam atitudes preconceituosas, não alinhadas com os princípios éticos da profissão e das políticas de saúde.<sup>20</sup>

A vinculação entre os indivíduos LGBT+ e as IST's seria justificado também, através de uma concepção advinda da eclosão da Epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), em 1980 e que teria causado uma ressignificação na percepção da homossexualidade e da transexualidade, associando-as a ideia de doença e promiscuidade que reforça preconceitos e pré-julgamentos e estremera a aproximação do público gay com as unidades e o cuidado em saúde, dificultando que os mesmos assumissem a sua sexualidade por medo de serem discriminados.<sup>11,19,22,23</sup>

Outro aspecto a considerar neste estudo é de que os participantes salientaram que demandas vinculadas à saúde mental e as situações de violência, também estariam entre os principais problemas de saúde enfrentados pela população LGBT+. O fomento de construções sociais baseadas em ideais conservadores e centrados na cis-heteronormatividade instiga a criação de grupos minoritários, culminando na elevação das disparidades entre os indivíduos e produzindo condições de vulnerabilidade e invisibilidade.<sup>24,25</sup>

Conforme supracitado, o público LGBT+ é caracterizado como um grupo minoritário, pela maneira como vivencia e expressa seu gênero e sua sexualidade, ao não se enquadrar nos padrões heterossexuais impostos pela sociedade, o que o torna mais suscetível a situações de violências e hostilidade. As vivências de hostilidade social

acabam por acarretar em uma maior incidência de comportamentos depressivos, de ansiedade, de ideações e tentativa de suicídio, além de indicar que essa população apresenta maiores riscos para abuso de drogas e/ou álcool.<sup>18,24,26</sup>

Nessa direção vê-se que, a perpetuação de concepções estigmatizantes, discriminatórias e a adoção de posturas não receptivas por parte dos enfermeiros, também servem como multiplicadores para a ocorrência de situações de vulnerabilidade e de invisibilidade enfrentadas pelo público LGBT+ e que acarretam em danos à saúde mental dessa população.<sup>19,26,27</sup> Estudos recentes documentaram importantes disparidades em saúde física e mental quando comparadas a população LGBT a seus pares heterossexuais e cisgêneros.<sup>16</sup> Resultados visualizados em pesquisa do tipo revisão sistemática, que abordou a saúde da população LGBT na América Latina, de 2001 a 2018, revelam que dentre os principais fatores para os problemas de ordem mental estão as violências, destacando ainda a necessidade de abordagens pontuais e específicas à saúde mental desse público, com atenção para adolescentes e jovens.<sup>28</sup>

A ideia destacada por alguns participantes seria a de que os relacionamentos afetivos-sexuais não-heterossexuais seriam incongruentes, ou seja, não condizentes com o padrão pré-estabelecido pela sociedade e cultura. Através dessas percepções visualiza-se que as relações sexuais, envolvendo, em especial, os homossexuais, seriam algo promíscuo e anormal, baseando-se, novamente, em uma concepção que compreende que as interações normais seriam, apenas, entre homens e mulheres.

Historicamente, as identificações de anormalidade acerca da homossexualidade datam de séculos passados. Contudo, a apropriação pelo discurso biomédico acarretou na sua patologização.<sup>19</sup> Apesar que a despatologização da homossexualidade tenha ocorrido há mais de quatro décadas e que novas perspectivas tanto morais, como científicas, tenham sido construídas, a continuidade na aplicação do termo “homossexualismo”, visualizado nas falas dos participantes, poderia elucidar que a ideia de doença ainda prevalece.<sup>25,29</sup> Por isso, importa salientar que a luta dos movimentos LGBT é atual e reivindica o afastamento da ideia do anormal, do patológico, buscando a compreensão holística do sujeito na sua relação com os serviços e o Sistema de Saúde.<sup>21</sup>

O excerto apresentado por E23: “*Os profissionais da Atenção Básica, assim, em geral,*

*estão bem pouco preparados, sabe?!”,* sugere um possível despreparo nos cuidados em saúde com o público LGBT+, destacando que o modo de agir e pensar desses profissionais é crucial para determinar a aproximação ou o afastamento dos indivíduos aos serviços de saúde, conforme corroborado por outras pesquisas relacionadas à temática.<sup>19,21,22,23</sup>

Ademais, os dados encontrados nessa pesquisa nos levam a considerar que comportamentos fora de um contexto cis-heteronormativo ainda provocam falas e atitudes preconceituosas dos profissionais. Estudos realizados em diferentes países relatam a mesma situação: atendimentos e prestação de cuidados em saúde acontecem de maneira inadequada. Tal justificativa para o fato deriva das lacunas no conhecimento de enfermeiros acerca das demandas desse público, o que ocasiona fragilidades, falhas e desconfortos durante os atendimentos.<sup>7,10,13,16</sup>

Os desafios dos profissionais que compõem uma equipe de saúde não se restringem a superação de preconceitos e discriminações contra a população LGBT, mas vão para muito além disto. Atravessam, antes de tudo, o reconhecimento do sujeito como humano, dotado de direitos e com demandas específicas e necessidades de saúde que só eles mesmos podem dizer, mas que só o dirão, caso forem acolhidos pelos profissionais e pelo sistema.<sup>20</sup>

## CONCLUSÃO

Os participantes reconheceram, através de suas percepções que o público LGBT+, enfrenta situações de violência e de sofrimento mental. Além disso, a implementação de discursos cis-heteronormativos pelos profissionais, especificamente enfermeiros, é um limitador nos atendimentos em saúde e potencializa situações de vulnerabilidade e invisibilidade. Tais compreensões, como as observadas nesta investigação, recriam e perpetuam construções sociais baseadas em preceitos morais, religiosos e sociais, que definem condutas, comportamentos, relacionamentos e maneiras de se viver em sociedade.

Diante dos achados deste estudo, cabe ressaltar a necessidade de se discutir a respeito da temática no meio acadêmico e nos serviços de saúde, nos seus diferentes níveis de atendimento. Os profissionais de saúde, com destaque para os enfermeiros, através de suas ações e relações com aqueles a quem atende, bem como é peça fundamental na construção, estabelecimento e manutenção de estratégias e

políticas públicas que auxiliem na diminuição da discriminação e do preconceito. Tais mudanças diminuirão as situações de exclusão social, perda dos direitos humanos e poderão melhorar a qualidade de vida do público LGBT+.

Ao elencar as fragilidades deste estudo, reitera-se que o mesmo avaliou apenas às percepções de enfermeiros da APS e embora, se tenham participantes que atuavam em áreas urbanas e rurais, os mesmos ainda estavam vinculados a apenas um município do interior do Rio Grande do Sul, o que pode limitar e reduzir a forma como se percebe o público LGBT+, de acordo com a cultura e regionalidade deste território. Nessa direção, entende-se ainda a necessidade de se investigar as percepções de outros profissionais que também atuam na APS, já que estes trabalhadores podem atuar de forma direta na desconstrução e na desvinculação de preceitos morais, religiosos e sociais, diminuindo assim, as disparidades sociais e agindo para melhorar a qualidade de vida do público LGBT+.

## REFERÊNCIAS

1. Rocon PC, Sodré F, Rodrigues A, Barros MEB, Wandekoken KD. Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. Interface (Botucatu) 2019;23:1-14. doi: <https://doi.org/10.1590/interface.180633>
2. Moretti VD, Asbarh FSF, Rigon, AJ. O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. Psicol. Soc 2011;23(1):193-198. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300005>
3. Petry AR, Meyer DEE. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. Textos & Contextos 2011;10(1):193-198
4. De Jesus Prado EA, De Sousa MF. Políticas públicas e a saúde da população LGBT: uma revisão integrativa. Tempus Actas de Saúde Coletiva 2017;11(1):69-80. doi: <http://dx.doi.org/10.18569/tempus.v11i1.1895>
5. Petry AR. Mulheres transexuais e o Processo Transexualizador: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo. Revista Gaúcha de Enfermagem 2015;36(2):70-5. doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.02.50158>
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Cartilha - Cuidar bem de cada um: População Trans. Brasília: Distrito Federal, 2016.
7. Mantney M. Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender People, and the Nursing Imperative. Creat Nurs 2020;26(2):81-82. doi: <http://dx.doi.org/10.1891/CRNR-D-20-00014>
8. Silva ADCAD, Alcântara AM, Oliveira DCD, Signorelli MC. Implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI LGBT) no Paraná, Brasil. Interface (Botucatu) 2020;4:1-15. doi:

- <https://doi.org/10.1590/Interface.190568>
9. Nogueira FJS, Aragão TAP. Política nacional de saúde integral LGBT: O que ocorre na prática sob o Prisma de usuários (as) e profissionais de saúde. *Saúde e Pesquisa* 2019;12(3):463-700. doi: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2019v12n3p463-470>
10. Carabez R, Pellegrini M, Mankovitz A, Eliason M, Ciano M, Scott M. "Never in all my years...": nurses' education about LGBT health. *Journal of Professional Nursing* 2015;31(4):323-329. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.profnurs.2015.01.003>
11. Querino MS, Almeida SS, Oliveira SCS, Umann J, Moraes-Filho IM. Ações da equipe de enfermagem na implementação da política de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais - Revisão de Literatura. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires* 2016;6(1):46-58.
12. Souto CGV, Fonseca JLC, Almeida S. A saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros na formação dos enfermeiros (as): dificuldades e potencialidades. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online* 2018;10:233-35. doi: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361>
13. Carabez RM, Eliason MJ, Martinson M. Nurses' Knowledge About Transgender Patient Care. *Advances in Nursing Science* 2016;6(1):257-71. doi: <http://dx.doi.org/10.1097/ANS.0000000000000128>
14. Loria GB, Canesin GMF, Silva GM, De Oliveira Amorim GH, De Melo JM, Santos LR, Da Rosa LFD, De Santiago CRS, Matos DS, Pedrosa ML, Leal EM. Saúde da população LGBT+ no contexto da atenção primária em saúde: relato de oficina realizada no internato integrado de Medicina de Família e Comunidade/Saúde Mental em uma universidade pública. *Rev Bras Med Fam Comunidade* 2019; 14(41):1-11. doi: [https://doi.org/10.5712/rbmfc14\(41\)1807](https://doi.org/10.5712/rbmfc14(41)1807)
15. McCann E, Brown M. The inclusion of LGBT+ health issues within undergraduate healthcare education and professional training programmes: A systematic review. *Nurse Educ Today* 2018;64:204-14. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.nedt.2018.02.028>
16. Sharma A, Shaver JC, Stephenson RB. Rural primary care providers' attitudes towards sexual and gender minorities in a midwestern state in the USA. *Rural and Remote Health* 2019;19(4):1-12. doi: <https://doi.org/10.22605/RRH5476>
17. Minayo MC. O desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec, 2010.
18. Cardoso MR, Ferro LF. Saúde e População LGBT: Demandas e Especificidades em Questão. *Psicologia: ciência e profissão* 2016;32(3):552-63. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000300003>
19. Silva ALR, Finkle M, Moretti-Pires RO. Representações sociais de trabalhadores da atenção básica à saúde sobre pessoas LGBT. *Trab educ saúde* 2019;21(2):1-20. doi: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00197>
20. Santos, JSD, Silva RND, Ferreira MDA. Saúde da população LGBTI+ na Atenção Primária à Saúde e a inserção da Enfermagem. *Escola Anna Nery* 2019;23(4):1-6. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2019-0162>
21. Paulino DB, Rasera EF, Teixeira FDB. Discursos sobre o cuidado em saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (LGBT) entre médicas (os) da Estratégia Saúde da Família. *Interface (Botucatu)* 2019; 23:1-15. doi: <https://doi.org/10.1590/interface.180279>
22. Rocon PC, Rodrigues, A, Zamboni, J, Pedrini, MD. Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. *Ciênc. Saúde coletiva* 2016;21:2517-26. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015218.14362015>
23. Bezerra MVDR, Moreno CA, Prado NMDBL, Santos AMD. Política de saúde LGBT e sua invisibilidade nas publicações em saúde coletiva. *Saúde Debate* 2019; 43(8):305-23. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S822>
24. Popadiuk GS, Oliveira DC, Signorelli MC. A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) e o acesso ao Processo Transsexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS): avanços e desafios. *Ciênc. saúde coletiva* 2017;22(5): 1509-1520. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.32782016>
25. Toledo LG, Pinafi T. A clínica psicológica e o público LGBT. *Psicologia Clínica* 2012;24(1):137-163. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652012000100010>
26. Belém JM, Alves MJH, Pereira EV, Moreira FTLS, Quirino GS, Albuquerque GA. Atenção à saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na Estratégia Saúde da Família. *Revista Baiana de Enfermagem* 2010;32:1-13. doi: <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v32.26475>
27. Fertoni HP, Pires DEPD, Biff D, Scherer MDDA. Modelo assistencial em saúde: conceitos e desafios para a atenção básica brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva* 2015;20: 1869-78. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015206.13272014>
28. Abade EAF, Chaves SCL, Silva GCDO. Saúde da população LGBT: uma análise dos agentes, dos objetos de interesse e das disputas de um espaço de produção científica emergente. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* 2020;30(4):1-31. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300418>
29. Martins AA, Silva TÁ, Silva TA, Gutierrez DMD, Honorato EJS, Fonseca IMH. Movimento LGBT, políticas públicas e saúde. *Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação* 2018;21(1):191-208.

Recebido em: 18/03/2021

Aceito em: 15/04/2021

**Como citar:** MARTINS, Bruna Rezende et al. Percepções de enfermeiros acerca da população LGBT+: a procura pelo serviço de atenção primária e os problemas enfrentados no acesso à saúde. *Revista Interdisciplinar de Promoção da Saúde*, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 3, jul 2020. ISSN 2595-3664. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/ripsunisc/article/view/16331>>. Acesso em: 01 July 2020. doi:<https://doi.org/10.17058/rips.v3i3.16331>